

OS CÍRCULOS DO INFERNO DE DANTE E O *CRIME DO PADRE AMARO*

DANTE'S CIRCLES OF HELL AND *THE CRIME OF FATHER AMARO*

Francisca Solange Mendes da Rocha¹
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2080-2671>

Enviado em: 03/03/2025

Aceito em: 30/04/2025

Publicado em: 18/06/2025

Resumo: Os modos de pensar, sentir e agir de todas as épocas e lugares podem ser relacionados através da Teoria da Residualidade, visto que esta envolve os aspectos histórico-sociais de uma sociedade. Assim sendo, uma das perspectivas de se estudar a literatura é o de relacioná-la com toda a sociedade que o cerca, a partir do contexto de criação, de ambientação e de recepção desta obra. Dante Alighieri nos deixou *A divina Comédia*, escrita no século XIV durante o exílio forçado de seu autor; *O crime do padre Amaro*, por sua vez, foi escrito e publicado no último quadrante do século XIX, pelo lusitano Eça de Queirós. Cinco séculos as separam, mas tanto *A Divina Comédia* quanto *O crime do padre Amaro* trazem reflexões acerca do homem, da sociedade, da política e da religião de seu tempo. O intuito neste trabalho é imaginar a trajetória da personagem Amaro Vieira no Inferno descrito por Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*, caso este não tivesse se arrependido em vida dos pecados e das faltas cometidas.

Palavras-chave: Residual. Divina Comédia. Inferno. Amaro Vieira.

Abstract: The ways of thinking, feeling and acting and all times and places can be related through the Theory of Residuality, as it involves the historical-social aspects of a society. Thus, one of the perspectives of studying literature is to relate it to the entire society that surrounds it, based on the context of creation, setting and reception of the literary work. Dante Alighieri left us The Divine Comedy, written in the 14th century during its author's forced exile; The crime of father Amaro, in turn, was written and published in the last quarter of the 19th century, by the portuguese Eça de Queirós. Five centuries separate them, but both The Divine Comedy and The Crime of Father Amaro bring reflections on man, society, politics and religion

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará. E-mail fsmrocha@hotmail.com

of their time. The aim of this work is to imagine the trajectory of the character Amaro Vieira in the Inferno described by Dante Alighieri in his Divine Comedy, if he had not repented in life of the sins and faults committed.

Keywords: Residual. Divine Comedy. Hell. Amaro Vieira.

Introdução

A teoria da Residualidade relaciona os modos de pensar, sentir e agir de todas as épocas e lugares, uma vez que envolve os aspectos sociais e históricos de uma sociedade. Os conceitos teóricos da Residualidade, segundo Pontes (2006), são trazidos de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a história e a antropologia. A partir dessa sistematização, o autor demonstra que os resíduos da cultura de um período temporal podem ser percebidos noutro tempo e numa sociedade diferente, sendo, portanto, o mesmo fenômeno observável na literatura, desde que este seja um produto da endoculturação.

Entre a sociedade contemporânea de Dante Alighieri e a de Eça de Queirós distam cinco séculos, mas os problemas enfrentados pelos homens não diferem muito. Assim como as mazelas de Leiria foram escancaradas no romance Eciano, temos *n'A Divina Comédia* a onipresença de Florença, e segundo Ferroni (1992), cada encontro com uma personagem florentina é uma oportunidade para um polêmico reforço dos problemas políticos e morais que envolviam a cidade à época.

O que tentaremos aqui é buscar elementos de outros tempos e espaços que possam ser retomados em uma obra literária de um tempo posterior, no caso específico, as relações possíveis entre as obras *Divina Comédia*, de Dante Alighieri e *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós. No entanto, não pretendemos fazer uma analogia entre as obras, mas o propósito deste trabalho será, a partir da perspectiva dos nove círculos do Inferno, primeira parte da obra de Dante, realizar uma análise do comportamento e das ações do padre Amaro Vieira, personagem central do romance

eciano. A discussão centrar-se-á em identificar em quais círculos o sacerdote teria seus atos encaixados, caso não tivesse se arrependido de seus pecados antes de sua morte.

A Divina Comédia, de Dante

A *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, compõe-se de três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso. O poema foi escrito provavelmente durante o exílio do autor, no início do século XIV. Boccaccio, em *Trattatello in laude de Dante*, assevera que a obra começou a ser escrita quando ele tinha trinta e cinco anos, dando enfim forma ao que planejara: compor uma obra que mostrasse as consequências dos vícios humanos através das penas a eles atribuídas, além de evidenciar o caminho da salvação e a recompensa para aqueles que fizessem boas escolhas em vida. Com essa obra – a qual intitulou *Comédia* – Dante almejava também a glória pessoal:

[...] gli venne nell'animo uno alto pensiero, per lo quale ad una ora, cioè in una medesima opera, propose, mostrando la sua sofficienza, di mordere con gravissime pene i viziosi, e con altissimi premii li valorosi onorare, e a sé perpetua gloria apparecchiare. E, perciò che, come già è mostrato, egli aveva a ogni studio preposta la poesia, poetica opera estimò di comporre. E, avendo molto davanti premeditato quello che fare dovesse, nel suo trentacinquesimo anno si cominciò a dare al mandare ad effetto ciò che davanti premeditato avea, cioè a volere secondo i meriti e mordere e premiare, secondo la sua diversità, la vita degli uomini. La quale, perciò che conobbe essere di tre maniere, cioè viziosa, o da' vizii partentesi e andante alla vertù, o virtuosa, quella in tre libri, dal mordere la viziosa cominciando e finendo nel premiare la virtuosa, mirabilmente distinse in un volume, il quale tutto intitolò "Comedia".

No texto, o Inferno é descrito com nove círculos de sofrimento localizados dentro da Terra, de acordo com teoria vigente do geocentrismo. Dividido em trinta e quatro cantos, a primeira parte do poema trata-se de uma alegoria do conceito medieval do que seria o Inferno, além de a descida até as entranhas da terra corresponder a uma metáfora do conhecimento de si mesmo. Segundo Otto Maria Carpeaux, a *Divina Comédia* não tem ação nem enredo, pois uma vez que “o único

elemento que liga os versos, reúne os cantos, junta as três partes é a pessoa do próprio poeta, constantemente presente" (Carpeaux, 2008, p. 251). Há, no poema, a presença de três personagens: o próprio Dante, Virgílio e Beatriz, sendo os dois últimos os condutores da jornada. Na descida ao Inferno e ao Purgatório, o autor foi guiado pelo poeta romano Virgílio, que representaria a razão; já no Paraíso, sua guia foi Beatriz. De acordo com Dante, não se encontram no Inferno apenas aqueles que pecaram, mas principalmente os que não se arrependem em vida.

Carpeaux afirma que "epopeias são leitura difícil", uma vez que "o gênero morreu há muito, deixando inúmeras falhas" (Carpeaux, 2008, p. 252). No entanto, o autor assevera que Dante é a única exceção, visto que "é possível ler a Divina Comédia como se fosse uma obra de hoje, apesar das mil dificuldades criadas pelas alusões eruditas e políticas" (Carpeaux, 2008, p. 252). Não foi ao acaso que o poeta escolheu escrever no idioma florentino ao invés de fazê-lo em latim, como era costume dos poetas contemporâneos a ele. Dante queria que a leitura da obra fosse acessível não apenas aos literatos, mas a todos. Boccaccio explica essa escolha de idioma:

Muovono molti, e intra essi alcuni savi uomini, generalmente una quistione così fatta: che con ciò fosse cosa Dante fosse in iscienza solennissimo uomo, perché a comporre così grande, di sì alta materia e sì notabile libro, come è questa sua "Comedia", nel fiorentino idioma si disponesse; perché non più tosto in versi latini, come gli altri poeti precedenti hanno fatto. A così fatta domanda rispondere, tra molte ragioni, due a l'altre principali me ne occorrono. Delle quali la prima è per fare utilità più comune a' suoi cittadini e agli altri Italiani: conoscendo che, se metricamente in latino, come gli altri poeti passati, avesse scritto, solamente a' letterati avrebbe fatto utile; scrivendo in volgare fece opera mai più non fatta, e non tolse il non potere esser inteso da' letterati, e mostrando la bellezza del nostro idioma e la sua eccellente arte in quello, e diletto e intendimento di sé diede agl'idioti, abbandonati per addietro da ciascheduno.

Dante escolheu o idioma florentino para que sua obra tivesse um maior alcance do público leitor de sua época; da mesma forma Eça de Queirós empenhou-se na procura de soluções de linguagem que se ajustassem a seus projetos literários: deixou

de lado o português castiço dos literatos para que sua obra fosse comprehensível para os portugueses.

O inferno de Dante

Na obra *A Divina Comédia*, a geografia do Inferno compõe-se de nove círculos, três vales, dez fossos e quatro esferas. Essa organização foi baseada na teoria medieval de que o universo era formado por círculos concêntricos. Como fora criado a partir da queda de Lúcifer do Céu, o portal do Inferno estaria localizado em Jerusalém. Assim, o local torna-se mais profundo a cada círculo, à medida que os pecados vão se tornando mais graves.

No Inferno, onde estão condenadas tanto almas pagãs como as cristãs, prevalece a lei do contrapasso, uma vez que as penas infligidas se encontram em estreita relação – de analogia e de contraste – com os pecados cometidos em vida. A justiça do inferno é debatida no canto XI:

Olvidas, por ventura, esse preceito/ De que houveste na Ética a ciência/ Das três disposições, que em mau conceito/ Então do Céu – malícia, incontinência/ E furor bestial? – como a segunda/ Importa a Deus menor irreverência? (Alighieri, 2002, p. 74)

Dante se refere à ideia aristotélica relatada em *Ética a Nicômaco*. De acordo com Aristóteles, “as disposições morais a serem evitadas são de três espécies: a malícia, a incontinência e a bruteza” (Aristotéles, 1991, p. 140). Segundo ele, a alma incontinente tem culpa, mas a culpa é menos grave que o dolo (má-fé), que corresponde à vontade de pecar. Em relação à incontinência de Amaro, o que está em jogo é a moral sexual cristã-católica, uma vez que o padre é responsável por suas atitudes, visto que age conscientemente. Para o filósofo grego, os desvios morais já se encontram enraizados naqueles que os desenvolvem:

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

O homem que é incontinente no sentido absoluto nem se relaciona com todo e qualquer objeto, mas sim precisamente com aqueles que são os objetos do intemperante, nem se caracteriza por essa simples relação (pois, a ser assim, a sua disposição se identificaria com a intemperança), mas por se relacionar com eles de certo modo. Com efeito, um é levado pela sua própria escolha, pensando que deve buscar sempre o prazer imediato, enquanto o outro busca tais prazeres embora não pense assim. (Aristóteles, 1991, p. 140)

Por ter agido de forma premeditada, Amaro incorreu em um pecado mais grave, uma vez que, ardilosamente, fez uso de sua influência como sacerdote no alcance de seus objetivos escusos, principalmente se utilizando do nome de Deus:

E aquilo, Jesus, não era uma intriga para a arrancar ao noivo; os seus motivos (e dizia-o alto, para se convencer melhor) eram muito retos, muito puros; aquilo era um trabalho santo para a arrancar ao inferno; ele não a queria para si, queria-a para Deus! “Casualmente”, sim, os seus interesses de amante coincidiam com os seus deveres de sacerdote. Mas, se ela fosse vesga, feia e tola, ele iria igualmente à rua da Misericórdia, em serviço do Céu, desmascarar o Sr. João Eduardo, difamador e ateu. (Queirós, 2011, p. 209)

Assim, a culpabilidade de Amaro torna-se mais grave a partir da intencionalidade de suas ações, cujos propósitos eram satisfação pessoal, não se importando com as consequências de seus atos.

A trajetória do Padre Amaro nos círculos do inferno de Dante

Em *O crime do padre Amaro* temos como personagem um sacerdote que, através de indicação política, consegue ser nomeado pároco em Leiria, Portugal. O título do romance de Eça de Queirós já antecipa a gravidade das ações do personagem principal Amaro Vieira. O substantivo crime, cujo sentido remete à transgressão, sendo reforçado pelo designativo padre, reforça a tese de que um representante da Igreja Católica será o agente de violações da lei. O crime ao qual se remete o título do romance eciano foi o fato de Amaro, sendo padre, ter seduzido Amélia, e como consequência do relacionamento amoroso entre os dois, a moça ter engravidado e ido a óbito após o

parto, assim como o fruto nascido desse romance ter sido, provavelmente, assassinado por uma “tecedeira de anjos”.

Minos, que ditava as leis no Inferno, teria muita dificuldade em classificar a gravidade dos pecados cometidos pelo sacerdote, uma vez que em vida, durante sua estada na cidade lusitana, dos sete pecados capitais enumerados pela Igreja, Amaro incorrera em pelo menos quatro deles. Além destas faltas graves – luxúria, ira, inveja e a vaidade (orgulho) – o padre não respeitou as Leis de Deus, prescritas nos dez mandamentos. Na sua obsessão por Amélia, desejou a mulher do próximo, visto que a moça estava comprometida com o escrevente João Eduardo; por várias vezes pensou em humilhá-la e difamá-la, incorrendo assim no falso testemunho e usou de sua posição como sacerdote para influenciar a rapariga, utilizando-se do nome de Deus como justificativa de suas ações sórdidas. Tudo isso para ter satisfeita a sua luxúria e praticar o ato interdito a ele como padre ordenado: manter relações sexuais com Amélia, pecando contra a castidade.

Como sacerdote e convededor das leis canônicas, Amaro tem consciência de seus atos e sabe que a Igreja poderá puni-lo; no entanto, convence-se de que suas ações não desagrariam a Deus, justificando, assim, seus atos: “O seu amor era, pois, uma infração canônica, não um pecado da alma; podia desagrurar ao senhor chantre, não a Deus; seria legítimo num sacerdócio de regra mais humana” (Queirós, 2011, p. 155). Para o pároco, as leis divinas não o afetariam, uma vez que o Inferno é o local para onde iriam as almas pecadoras, mas na sua concepção, ele não estaria cometendo nenhum pecado. Logo, esse não seria, segundo ele, a sua morada *post mortem*.

Os círculos do inferno de Dante

Na primeira parte da viagem além-túmulo empreendida por Dante, que na obra representa o homem comum tentado pelo mal, tem-se a representação do que seria o

lugar dos pecadores não arrependidos – o Inferno. O local foi dividido em nove círculos, enumerados a seguir:

O primeiro círculo é o Limbo, onde se encontram os virtuosos pagãos, aqueles que não conheceram a Cristo por terem nascido antes de sua vinda, como também as crianças não batizadas. É aqui que está Virgílio, o guia de Dante na descida ao Inferno e ao Purgatório.

Além do primeiro círculo, encontra-se o rio de Aqueronte, lugar em que o padre Amaro, como recém-chegado, esperaria Caronte, que o levaria até o responsável pela pena de cada pecador, passando pela Sala do Julgamento, onde o juiz Minos ouve as confissões dos mortos e os condena a um círculo no inferno, decidindo, dentre os pecados confessados, qual o mais grave, enrolando em sua cauda tantas vezes quantos círculos quer que o pecador desça, imputando assim, o castigo ao penitente.

O segundo círculo é o Vale dos Ventos, lugar dos luxuriosos, pecadores da carne, aqueles que submeteram a razão ao desejo. Amaro comete principalmente o pecado da luxúria, uma vez que, já ordenado padre e tendo feito votos de castidade, quebra-os tão logo assume sua primeira paróquia em Feirão:

Vivia então num estado de espírito muito repousado. As exaltações, que no seminário lhe causavam a continência, tinham-se acalmado com as satisfações que lhe dera em Feirão uma grossa pastora, que ele gostava de ver ao domingo tocar à missa, dependurada na corda do sino, rolando nas saias da saragoça, e a face estourar de sangue. Agora, sereno, pagava pontualmente ao Céu as orações que manda o ritual, trazia a carne contente e calada, e procurava estabelecer-se regaladamente (Queirós, 2011, p. 45)

No entanto, apesar de este ser um pecado reincidente na vida eclesiástica de Amaro, não é porventura o mais grave que ele cometeu; portanto, o Vale dos Ventos não será sua morada eterna. Provavelmente aqui ele encontraria Amélia, a moça a quem ele seduziu e engravidou, uma vez que ela não tivera tempo de se confessar antes de sua morte.

O terceiro círculo é o Lago da Lama, o destino dos gulosos. Logo no início do romance de Eça de Queirós, temos a morte do pároco da Sé, José de Migueis, de apoplexia. Era conhecido pela alcunha de “o comilão dos comilões”, e que um dia estouraria de tanto comer. Esse personagem representaria, no romance, o pecado da gula, pois tal qual peixe, “morrera pela boca”. Amaro, apesar de apreciar uma boa comida e um bom vinho, não seria considerado um glutão, apenas um apreciador de uma excelente refeição. Caso Amaro estivesse atravessando o Inferno como Dante o fizera, encontraria padre José de Migueis e mais alguns de seus companheiros de banquetes gastronômicos ocorridos principalmente na casa do abade de Cortegaça.

Nas Colinas da Rocha, que corresponde ao quarto círculo, estão os avaros e os esbanjadores. É o destino dos pródigos e avarentos cuja punição é rolar com o próprio peito grandes pesos que representam as suas riquezas e estão fadados a trocarem injúrias entre si.

O rio Estige abriga o quinto círculo, lugar dos que cometem o pecado da Ira. A Ira é o intenso e descontrolado sentimento de raiva, ódio, rancor que pode ou não gerar sentimento de vingança. Todas essas características se aplicam a Amaro:

E a grandes passadas pelo quarto, pensava no que havia de fazer para humilhar Amélia. O quê? Desprezá-la como uma cadela! Ganhar influência na sociedade devota de Leiria, ser muito do senhor chantre, afastar da Rua da Misericórdia o cônego, e as Gansosos; intrigar com as senhoras da boa-rola para que se afastassem dela, com segura, no altar-mor, à missa do domingo; dar a entender que a mãe era uma prostituta...Enterá-la, cobri-la de lama! E na Sé, ao sair da missa, regalar-se de a ver passar encolhida no seu matelete preto, escorregada de todos, enquanto ele, à porta, de propósito, conversaria com a baronesa de Via-Clara!... Depois pregaria um grande sermão na quaresma, e ela ouviria dizer, na arcada, nas lojas: “Grande homem, o padre Amaro!” tornar-se-ia ambicioso, intrigaria e, protegido pela senhora condessa de Ribamar, subiria nas dignidades eclesiásticas; e o que pensaria ela quando o visse um dia bispo de Leiria, pálido e interessante na sua mitra toda dourada, passando, seguido pelos incensadores, ao longo da nave da Sé... (Queirós, 2011, p. 138)

O plano de vingança mesquinho de Amaro demonstra bem o caráter desviante do sacerdote, cujas ações são premeditadas. De acordo com Aristóteles, tudo o que se

faz constrangido ou por ignorância é considerado involuntário, haja vista que “o voluntário parece ser aquilo cujo princípio motor se encontra no próprio agente que tenha conhecimento das circunstâncias particulares do ato”; assim, de acordo com o filósofo, “é de se presumir que os atos praticados sob o impulso da cólera ou do apetite não mereçam a qualificação de involuntários” (Aristóteles, 1991, p.39).

No Estige encontram-se também os arrogantes. A soberba, a arrogância e a vaidade de Amaro eram extremas, pois se considerava um representante direto de Deus na terra, achando-se mais importante do que a mãe de Cristo:

Onde havia uma autoridade igual a sua? Nem mesmo na corte do Céu. O padre era superior aos anjos e aos serafins, porque a eles não fora dado como ao padre o poder maravilhoso de perdoar os pecados! Mesmo a Virgem Maria, tinha ela um poder maior que ele, padre Amaro? Não: com todo respeito devido à majestade de Nossa Senhora, ele podia dizer com São Bernardino de Sena: “O sacerdote excede-te, ó mãe amada!” – porque, se a Virgem tinha encarnado Deus no seu castíssimo seio, fora só uma vez, e o padre, no santo sacrifício da missa, encarnava Deus todos os dias! E isto não era argúcia dele, todos os santos padres o admitiam... (Queirós, 2011, p. 333-334)

O sexto círculo é o Cemitério de Fogo, lugar dos hereges, pessoas que não acreditam em Deus e em seu filho Jesus Cristo ou que se afastaram da religião católica. Amaro e seus colegas padres resolvem se vingar do noivo de Amélia por este ter escrito um artigo em que escancara os abusos cometidos pela igreja, além de acusar alguns sacerdotes da cidade. A solução encontrada foi excomungá-lo, não sem antes convencer a moça de que o rapaz poderia vir a maltratá-la no futuro caso a união acontecesse. Assim, João Eduardo foi considerado herege, sendo expulso da cidade de Leiria e por extensão, da vida de Amélia.

O sétimo círculo é o Vale de Flegetonte, local em que se encontram os violentos, distribuídos em três vales representando a violência contra o próximo (assaltantes, assassinos, esbanjadores e tiranos), contra si (suicidas e dissipadores) e contra Deus (blasfemadores, intelectuais, sodomitas e usurários). Nas margens do rio de sangue fervente se encontram o Minotauro de Creta e alguns centauros armados com arcos e

flechas, que são atiradas em todas as almas que ousam erguer-se mais do que lhes destinou sua culpa. Apesar de o padre cometer violência psicológica e física contra Amélia, pois ele chega a machucá-la, não seria este o lugar eterno de Amaro. Em um sonho, o padre se viu diante de dois juízes que discutiam a sua pena eterna. Por causa de tantos pecados cometidos, o pároco não reconheceu o Pai Eterno:

...Eu cá sou assim! E se os senhores eclesiásticos continuarem a escandalizar Leiria – eu ainda sei queimar uma cidade como um papel inútil, e ainda me resta água para dilúvios!” e voltando-se para dois anjos armados de espadas e lanças, o personagem bradou: “Chumbem uma grilheta aos pés do padre, e levem-no ao abismo número sete!” e o Diabo gania: “Aí estão as consequências, senhor padre Amaro!” Ele sentiu-se arrebatado de sobre o seio de Amélia por mãos de brasa; e ia lutar, bradar contra o juiz que o julgava – quando um sol prodigioso que vinha nascendo do oriente bateu no rosto do personagem, e Amaro, com um grito, reconheceu o Padre Eterno. (Queirós, 2011, p. 211 - 212)

No sonho de Amaro, Deus lhe destinou o abismo número sete, mas o padre ainda cometaria pecados bem mais graves e, portanto, essa não seria a sua morada eterna.

O oitavo círculo chama-se Malebolge e está dividido em dez fossos (ou Bolgias), que estão ligados entre si por pontes. Aqui estão os fraudulentos. A fraude consiste em qualquer ato ardiloso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar ou ludibriar outrem, ou de não cumprir determinado dever. Amaro pode ser considerado um fraudulento, por se utilizar de má-fé em várias ocasiões, inclusive com propósitos bem definidos. Assim o padre poderá fixar moradia eterna no oitavo círculo, onde purgaria seus pecados em três Bolgias. Segundo a lei do Inferno dantiano:

A fraude que a consciência sempre assoma,/ pode o homem usá-la em quem acolhe,/ ou quem, por suspeitar, cautela toma./ No último caso essa fraude só tolhe/ do inato amor os vínculos primeiros;/ logo: o segundo círculo recolhe. (Alighieri, 2009, p. 97)

Por ter agido sedutoramente, explorando a paixão que Amélia nutria por ele, controlando os sentimentos da moça para a satisfação de seus interesses, Amaro teria lugar garantido na primeira Bolgia: “E agora, enfim, tinha ali aos seus pés aquele corpo, aquela alma, aquele ser vivo sobre quem reinava com despotismo” (Queirós, 2011, p. 332). No entanto, como também se mostrara falso conselheiro e semeador de discórdias, poderia também disputar uma vaga na oitava e nona Bolgia:

Eu entendi que, como íntimo da casa, como pároco, como cristão, como seu amigo menina Amélia... porque acredite que lhe quero... enfim, entendi que era meu dever avisá-la! Se eu fosse seu irmão, dizia-lhe simplesmente: “Amélia, esse homem fora de casa!” Não o sou, infelizmente. Mas venho, com dedicação de alma dizer-lhe: “O homem com quem quer se casar surpreendeu a sua boa-fé e de sua mamã; vem aqui, sim senhor com aparências de bom moço, e no fundo é... (Queirós, 2011, p. 217)

Para o bem da sua alma antes a queria ver morta do que ligada a esse homem! Case com ele, e perde para sempre a Graça de Deus! (Queirós, 2011, p. 218)

Castigado por açoite, totalmente envolvido em chamas ou perseguido por demônios armados de espadas: são esses os castigos que esperam Amaro em sua morada além-túmulo. Os motivos pelos quais os fraudulentos são colocados nas valas mais profundas do Inferno são explicados no canto XI:

De malícia qualquer que o Céu malquista,/ o fim sempre é uma afronta que, afinal,/ com violência ou com fraude outrem contrista. / Sendo a fraude do próprio homem um mal,/ Deus mais a execra, e exacerba os tormentos/ dos dolosos no círculo abissal. (Alighieri, 2009, p. 95 - 96)

Ou seja, toda a maldade é alcançada ora através da violência ora através da fraude. Embora ambas sejam odiadas pelo céu, a fraude, por ser uma perversão exclusiva do homem, desagrada mais a Deus. Os fraudulentos, portanto, são colocados nas valas mais profundas do Inferno, onde sofrem muito mais.

Portanto, Amaro Vieira, pároco da Sé em Leiria, após sua morte, faria uma viagem aos confins do Inferno de Dante, cuja morada final seria o oitavo círculo, para,

na eternidade responder pelos pecados cometidos em vida. Assim posto, encontramos em *O crime do padre Amaro* alguns pontos em comum com *A Divina Comédia*, através do percurso do pároco dentre os círculos do inferno dantesco.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução, comentários e notas de Ítalo Eugenio Mauro e prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2009.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BOCCACCIO, Giovanni. *Trattello in laude di Dante*. Disponível em <http://www.liberliber.it/biblioteca/licenze/>
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Universal*. 3^a edição. Brasília: Editora do Senado Federal, 2008.
- Ferroni, Giulio. *Profilo storico della letteratura italiana*. Milão: Einaudi Scuola, 1992.
- QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O crime do Padre Amaro*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.
- PONTES, Roberto. *Entrevista sobre a Teoria da Residualidade*, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.